

# Cultura camponesa e telenovela: em jogo a identidade da vida íntima

## O namoro

*Peasant culture and Brazilian "telenovelas": dating and identity of intimacy*

### **R**esumo

O objetivo central deste artigo<sup>1</sup> é o de mostrar uma das interfaces da construção da identidade da vida íntima realizada por jovens camponeses a partir do jogo simultaneamente contraditório e complementar entre tradição e modernidade. Jogo esse que culmina em rejeições e em incorporações de valores, signos ou comportamentos urbanos por intermédio da assistência a telenovelas brasileiras. O enfoque cultural nas temáticas da intimidade, o namoro aqui destacado entre as demais “fases” da organização socio-cultural da sexualidade humana (casamento, iniciação sexual, maternidade/paternidade e viuvez), é compartilhado por ambos universos de abordagem da pesquisa: *cultura camponesa e telenovela*. Para o grupo estudado está em jogo a *construção cultural de identidade da vida íntima*, uma vez que ela fornece a estrutura simbólica e moral de manutenção e organização do parentesco – regulado, por sua vez, pela endogamia de grupo - e, por conseguinte, da vida social camponesa que é, em grande medida, uma vida familiar<sup>2</sup>.

**Palavras-chave:** cultura camponesa, televisão, telenovela, cultura da intimidade, identidade.

### **A**bstract

This article<sup>1</sup> is part of a doctoral thesis *Peasant culture and television: the vision of the self and image of the other through Brazilian soap opera*, the aim of which is to understand peasant cultural exchanges, rejections, interactions and relationships of sign and behavior through the viewing of Brazilian “telenovelas”. The article briefly emphasizes intimacy and family values regarding dating, sexuality and marriage, as cultural themes shared by both investigated objects: peasant culture and “telenovelas”. The cultural construction of the identity of intimacy through dating is at stake in the community since intimacy is responsible for symbolic structure and for the maintenance of kinship. The traditional way of life – a combination of cultural patterns derived from Iberian and native Brazilian cultures – and the traditional peasant ethos combined with traditional Catholic morality maintain the endogamic social organization and the structure of social life, which is, to a great extent, family life<sup>2</sup>.

**Key words:** peasant culture, television, soap opera, intimacy, identity.

**Andrea Baltazar**

Doutora em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo – USP.

Esta pesquisa contou, ao longo do mestrado e do doutorado, com recursos da Fapesp, Capes, do CNPq e da Pró-Reitoria de Pesquisa da USP.

## Intimidade camponesa e televisão: uma relação cultural conflituosa

Muito se tem falado sobre os efeitos da da mídia no comportamento psico-sociocultural das audiências em todo o mundo, mas e talvez, pelo fenômeno histórico recente que representa, ainda não tenha obtido a devida atenção por parte da comunidade antropológica brasileira. No entanto, o assunto é alvo da preocupação rotineira das famílias das camadas médias e populares em todo o país, sem falar das pesquisas multidisciplinares contemporâneas, que vão do *marketing* aos estudos da comunicação, passando eventualmente pelos estudos psicocognitivos. Evento novo na organização cultural da humanidade como um todo, em termos dos processos da longa duração, tem sido acertadamente apontado como uma das marcas da contemporaneidade global.

Embora as reflexões desenvolvidas neste artigo tenham por base o estudo dos efeitos da assistência de televisão em famílias e grupos de recorte camponês numa área de pantanal brasileira (também chamados Populações de Áreas Úmidas), no estado de Mato Grosso, há muito o que apontar em termos de confluência de questões que mais tocam essas pessoas e as que importam para as audiências de pequenas cidades, ou mesmo as metropolitanas que compõem a realidade brasileira. A primeira coisa que se deve ter em mente ao pensar nesta parte especial e nova de história de nossos costumes e mentalidades, a “mundialização” da informação e dos sistemas de comunicações, é que os processos da comunicação humana nunca são simples ou unidirecionais. Ou seja, a questão, pela qual perpassa a maioria das pesquisas qualitativas recentes sobre “recepção” ou audiência de televisão, é que quase nenhum tipo de resultado ime-

diato ou direto pôde ser apontado sem que pairassem não apenas perguntas ou dúvidas, mas também muita contradição em termos culturais e de reações dos grupos pesquisados frente às questões levantadas nos diferentes processos de assistência televisiva. A relação entre essas duas esferas e suas conseqüências compromete até mesmo a dialética como processo mental ou cultural de exposição à mídia, já que há uma multiplicidade de valores e processos em jogo sem solução, e ainda perguntas e posturas ante a televisão e seus programas que estão em pleno processo de criação, subjetivação ou avaliação cultural de grupos, seja pelos grupos familiares ou mais coletivos em que é gestada a cultura e suas especificidades nacionais, regionais ou de comunidades.

De fato nem camponeses ou habitantes de pequenas cidades do interior brasileiro, ou metropolitano, e até mesmo os investigadores de mídia, podem ainda determinar ao certo qual a natureza do poder da televisão, e se neste se inclui o de alterar comportamentos tradicionais e hábitos da intimidade pela assistência de mídia eletrônica. Isso acontece especialmente porque o evento de assistir a televisão é inseparável de todas as outras atividades familiares ou mudanças impressas aos sistemas sociais que independem da mídia para se estabelecerem. Os dados etnográficos da pesquisa desenvolvida revelam que as pessoas estudadas são influenciadas, por exemplo, por acontecimentos sociais e econômicos amplos além das particularidades históricas da comunidade ou do grupo a que pertencem, que contam muito mais, antropologicamente falando, do que os efeitos da exposição cultural à televisão.

Do ponto de vista das relações familiares, a queda do número de membros integrantes da família camponesa pode ser citada como um bom exemplo disso. Convencionalmente os resultados de pesquisas e de trabalhos de campo clássicos e recentes demons-

tram, em geral, famílias rurais mais numerosas que as urbanas. Tendência geral das famílias brasileiras, os componentes do processo de decréscimo do número de filhos a cada nova geração na comunidade camponesa estudada vão além dos reflexos da assistência nas telenovelas de tramas e enredos que envolvem famílias nucleares com dois filhos, conforme o modelo urbano dominante. Apesar da manutenção de certos pontos marcantes que caracterizam uma noção camponesa de família e do parentesco – como as regras dos arranjos matrimoniais e da escolha do cônjuge que perpassam uma série de rituais simbólicos e de comportamentos prescritos cuja aplicação dá forma e organiza as relações amorosas e enlances sexuais entre parceiros casados ou solteiros – observou-se uma crescente diminuição no número de filhos por casal que, apesar de não determinada, é informada e reforçada pela televisão, em imagem e discurso. Da mesma forma, algumas regras internas reguladoras dos princípios da afetividade, bem como os limites da autoridade dos membros da hierarquia familiar fundamentada em modelos patriarcalistas, em suma, o papel social de cada membro da família é alvo de anseios de transformações. Se de um lado mães e filhos anseiam por um pai e marido mais sensível e ameno, sentimentalmente mais próximo do contato com as questões da intimidade da família; de outro lado os maridos preferem encontrar a imagem da mulher mais sexualizada e independente nas turistas ou outras mulheres de fora, além de insistirem na autoridade e hierarquia como símbolos do seu papel familiar em relação aos filhos. Conflitos estes em que identificamos uma tendência mais genérica das expectativas dos arranjos familiares urbanos sobre o papel social masculino. Os moradores sentem-se informados sobre questões que passam “no ar do tempo”, conforme a expressão lingüística nativa, e desejam estar ao par do que se passa no mundo, acompanhando as transformações his-

tóricas e sociais em andamento. Mas, se a televisão – ao lado das antigas maneiras de se “estar por dentro do que passa no mundo”<sup>3</sup> – soma e amplia o modo pelo qual se obtém informação é, de outra feita, objeto de severos questionamentos e rejeições guiados pelas concepções míticas, religiosas e do parentesco que constituem o tripé básico da organização simbólica e social do grupo estudado. Questionamentos e rejeições sobre a confiabilidade, a veridicidade e a aplicabilidade, em termos dos sistemas simbólicos locais, das suas mensagens, imagens, valores e costumes são a tônica do processo de assistência aos programas televisivos. Eis o “nó górdio” das indagações sobre as influências da telenovela.

De um outro ponto de vista antropológico, a análise de cultura material do grupo – relacionada aos arranjos simbólicos por sua vez pertinentes ao espaço social da sala dentro do qual a televisão se insere – revela sentidos sociais e culturais atrelados ao uso cultural dos programas televisivos. Além disso, poder-se-ia dizer que os valores coletivos e ancestralmente constituídos dos objetos que compõem a sala e dos ritos circunscritos ao seu espaço físico são altamente indicativos dos significados que a cultura atribui ao aparelho eletrônico e ao transporte a distância de imagens das intimidades familiares urbanas e contemporâneas por ele efetuado. O aparelho de televisão é mais do que apenas um novo objeto cultural eletrônico e componente simbólico, seja da cultura camponesa brasileira, seja da urbanidade. Pois ele está, na primeira, inserido e fortemente arraigado num espaço social e simbólico contíguo ao espaço de outros objetos vinculados, por sua vez, ao *corpus* dos processos mentais da longa duração da mesma cultura: a religião e o parentesco. Fatos de diferentes modos constatados também, embora não entre os objetivos centrais da pesquisa<sup>4</sup>, por alguns estudos urbanos de recepção de mídia eletrônica.

O grupo estudado é uma dessas comunidades ambivalentes que estão ao mesmo tempo simbolicamente conectadas ao mundo pela comunicação eletrônica das redes abertas de televisão e fortemente arraigadas num modo de vida peculiar, tributário de uma cultura ancestral de ascendência tanto ibérica quanto dos povos nativos pré e pós-coloniais. É com base nesta ambivalência – que lhes caracteriza de maneira destacada as questões da intimidade e os assuntos correlatos como o namoro, o sexo e o casamento – que as famílias e a comunidade fazem escolhas conscientes ou não sobre valores, costumes, atitudes, pensamentos e sentimentos e lhes atribuem sentidos morais de aceitação ou rejeição de modos de vida antagônicos ou condizentes, veiculados na mídia. Mas são certamente mais significativos os inesperados sentidos particulares criados pelas nuances desses dois processos; bem como as combinações cheias de contradições e em constante processo circular de reavaliação sociocultural que marcam as relações familiares com a telenovela. Este mecanismo cultural circular de constante avaliação e reavaliação de valores da intimidade resultou, na área pesquisada, num tipo de resgate – no exercício dos sistemas classificatórios do pensamento – do antigo ideal cultural que tanto revaloriza e reativa antigas práticas e ritos da intimidade em desuso quanto responde, de forma peculiar, ao grande dilema contemporâneo das formações de identidades intermediadas pela mídia. As mulheres camponesas querem, neste sentido, ver telenovelas; desejam um marido mais sensível e próximo das questões da família; estão conscientes e ressentem-se das desigualdades sociais de oportunidades de diversão e de contatos externos exigidas pelo padrão de recato e da domesticidade que lhes acercam as concepções e práticas do corpo feminino<sup>5</sup> mas não se sentem inclinadas a desafiar o tradicionalmente instituído. Já que este define com bases

no culto aos antepassados um modo de ser que foi eleito e é cultivado pelo grupo, ou seja, uma identidade de vida íntima profundamente inscrita na vida emocional e que define, além de diferenciar, a identidade da mulher camponesa local. Esta identificação ocorre não apenas em comparação à cidadina, mas à turista e também à mulher de outras comunidades vizinhas, ou seja, às várias outras que compõem o universo das suas relações externas. Diferentemente da repercussão social deflagrada pelas ousadias (devidamente contemporizadas) de Leila Diniz nos anos 60 do século passado na urbaníssima sociedade carioca<sup>6</sup>, os valores contemporâneos de emancipação feminina não têm um espaço declarado na sociedade camponesa observada, não obstante a compreensão das outras possibilidades. Há, outrossim, evidenciado seja no discurso seja nas práticas culturais, um imenso esforço de integração e síntese das mensagens do comportamento feminino avesso aos padrões locais, o que inclui noções sobre o amor romântico, e que é realizado atualmente pelas jovens esposas camponesas, as assíduas telespectadoras de telenovelas. Isto se dá muito mais pela consolidação de uma estrutura mental antiga que inclui medos inconscientes “insondáveis” além de penosas consequências morais e sociais que têm um peso muito forte, não apenas na vida da mulher camponesa, como também no dia a dia da cidadina cuiabana em Mato Grosso. Observa-se uma forte ligação emocional com a herança de vida dos antepassados em variados aspectos que quase define uma estética moral de cultivo dos comportamentos da intimidade, cuja presença cultural se reconfigura ao invés de arrefecer na presença dos valores e atitudes, a princípio, antagônicos da mulher urbana via telenovela. Assim se dá o processo de inter-relação da mídia com os valores camponeses, pela articulação do conflito entre o desejo de acompanhar os acontecimentos da contemporaneidade, e, em

contrapartida, essa vontade de manter uma identidade camponesa – definida nas relações da intimidade – dentro de um sistema camponês vivendo na terra e no ambiente em que a comunidade se constituiu historicamente. Tais temáticas estão configuradas em torno das instituições locais, em Porto Brandão, o namoro, a sexualidade e o casamento. Muito embora todas sejam manifestações reguladas ou não pela vida social da sexualidade, considerou-se para fins descritivos a primeira como sendo um preâmbulo bem demarcado e regrado para o conhecimento da segunda, após o qual ocorre necessariamente o terceiro, conforme as práticas levantadas pela etnografia. A iniciação sexual feminina tem precedido na prática a instituição do casamento nas últimas gerações, embora, e este será assunto importante mais adiante, as novíssimas (1995 a 2000) gerações de mulheres demonstrem uma forte retomada dos valores antigos e ideais da cultura local, no que diz respeito à observação do tabu da virgindade até a oficialização da união do casal.

Reunimos a seguir em torno das temáticas do amor e da sexualidade as principais discussões sobre a intimidade convencional camponesa em processo de transformação, ressaltando entre elas a presença, os sentidos e as conexões com a televisão e a assistência da telenovela.

### O namoro *fichado*: compromisso e controle social

[...] *Que às vezes o rapaz já...* (pausa e gracejo, pois no costume local as mulheres devem evitar os termos sexuais)... *já... já prostitui a vida dela e às vezes nem continua mais. Já deixa ela. Então o namoro aqui é difícil, é isso* [...] (Moradora, 36 anos, casada).

*Mãe dela dizia* (sobre uma prima migrada para cidade e separada do marido que voltou a viver com a mãe) *que tinha falado para ela não fichar: 'não ficha namoro, porque, se você ficha, você vai gostar e vai ser aquilo que vai acontecer com você'.* Ela era uma moça assim, não era bonita de feição, mas estampaloda, mulher grande, vistosa! (Moradora, 45 anos, casada).

O namoro é uma dessas situações sobre as quais pesa intensamente a regulamentação social da vida íntima das pessoas na comunidade, e a ele reservam muito cuidado e muito assunto nas reuniões de famílias, como as de fim de tarde na casa de Siá<sup>7</sup> Antônia. São reuniões religiosas (catolicismo iconográfico e camponês), todas as quintas-feiras, e reuniões de trabalhos coletivos para a festa de santo ou mesmo as de assistência à telenovela, preparadas pela pesquisadora. As temáticas relativas à intimidade são axiais na organização social do grupo e já estavam em pauta desde o primeiro dia de pesquisa por intermédio das preocupações que o grupo ostentava antes mesmo de se ter iniciado o processo de acompanhamento das famílias nas atividades noturnas de assistir à tevê. Uma “fala consciente” sobre a intimidade camponesa foi se constituindo, dialogicamente, também à medida das indagações que os entrevistados faziam sobre o trabalho de pesquisa. A temática do namoro e do casamento primeiro e mais tarde as questões sobre a sexualidade em geral foram incorporadas definitivamente como preocupação local vinculada à assistência de telenovela e em relação a ela. Junto como os outros temas a serem abordados em outro momento, realizou-se uma observação detalhada sobre essas “instituições” da vida “íntima” em Porto Brandão.

O bom namoro na comunidade pressupõe, além do namorado que se

encaixe nas proscricções de cônjuges<sup>8</sup>, que o ato de namorar seja recatado, cortês e com prazo certo para ingressar no noivado. Entre as moças, as namoradas filhas de pais que observaram o casamento consanguíneo geralmente são consideradas boas para casar, pois certamente foram “bem criadas” como mulheres obedientes às regras de conduta feminina do “sistema do lugar”.

Nesta sociedade camponesa, a ênfase do perigo não se encontra tanto nas questões dos fluxos corporais no plano fisiológico, como acontece em tantas outras pesquisadas pela antropologia cultural, e sim, digamos, em torno de uma questão do corpo simbólico, ou seja, social e cultural do campo da feminilidade. Isto é, em torno das questões da honra da mulher. Esta, por sua vez, não tem existência em si mesma, mas uma existência conjugada e relacional com a do pai, na família de origem, e a do marido, na família a fim. E nisto distingue-se do que Douglas (1976, p. 23) conclui ao analisar dados de campo de pesquisas sobre rituais de passagem e o perigo por eles representado, mais significativamente sobre os fluxos corporais femininos, onde:

*O perigo está no estados de transição, simplesmente porque a transição não é nem um estado nem o seguinte, é indefinível. A pessoa que tem de passar de um a outro, está, ela própria em perigo e emana outros. O perigo é controlado por um ritual que precisamente a separa do seu velho status, a segrega por um tempo e, então, publicamente declara seu ingresso no novo status.*

O perigo, neste caso, é relativo a tudo que coloca em risco a cultuada honra da mulher camponesa, sendo a ameaça à virgindade a consumação corporal do elemento perigoso, caso

trate-se de uma solteira. Dá-se o mesmo em relação à fidelidade dela, se casada. Este fato aliado a um outro bastante realçado pela constância com que foi abordado pelos moradores, quer durante as entrevistas, quer em outros inúmeros momentos informais da pesquisa de campo, o da forte centralidade da passagem da menina-adolescente à condição de mulher<sup>9</sup>, concorre para delinear a condição cultural da mulher local. Ela é invariavelmente o foco e o centro das atenções e preocupações familiares, se for comparado com o que ocorre em termos da passagem equivalente para o sexo masculino. Esta centralidade do feminino, no entanto, parece um traço encontrado de forma ampliada na cultura familiar brasileira segundo os modos mais antigos. Embora seja um traço cultural típico de classes burguesas nos meios urbanizados ou rurais, como constata Azevedo (1986). O autor lança um olhar sociológico ao papel do namoro, e sua institucionalização, como forma de sociabilidade familiar no processo histórico brasileiro. Para ele, os costumes referentes ao namoro no sentido tradicional, ou seja, “[...] referindo-se a costumes que datam de épocas recentes mas que estão cedendo a novas normas e regras sem, contudo, perderem de todo sua vigência.”, chegaram ao Brasil, em parte trazidos como estilo de vida burguês europeu e incorporado pelos “estratos superiores” da população nacional em início de processo de diferenciação econômica e cultural, que passou a incorporá-los já no início do século XIX, antes da industrialização.

*Neste Brasil tradicional, que de certo ponto de vista se diria antiquado, o namoro costumava passar por duas ou três fases que precediam o noivado propriamente dito: a da troca dos primeiros e furtivos sinais de interesse recíproco e da exploração das possibilidades de aproxima-*

*ção e de comunicação interpessoal direta e próxima, a da associação deliberada ou namoro em sentido exato e a do compromisso preliminar ao noivado formal (AZEVEDO, 1986, p.9).*

É significativo que o mesmo padrão possa ser encontrado nesta configuração regional de ribeirinha do campesinato brasileiro. Em todas as fases do namoro, sejam as analisadas pelo autor sejam as encontradas pela etnografia da tese, mais do que a situação de passagem em si a moça é alvo não só das atenções e preocupações familiares, mas motivo de vigilância.

*Quando o namoro amadureceu e chegou a ser conhecido na família da moça – que em todo esse processo é o centro e o fulcro em função da vulnerabilidade da sua dignidade moral – assume novo caráter, o de compromisso, condicionado e legitimado pelo consentimento tácito dos pais; e naturalmente, um grau maior de obrigatoriedade para os dois membros do par (AZEVEDO, 1986, p. 9-41).*

**O namorado tinha  
permissão para freqüentar  
a casa da moça, onde  
se assistia a telenovelas  
junto com toda a família  
reunida na sala**

Pôde-se acompanhar o desenrolar de um namoro local no decorrer da pesquisa, nos moldes antigos por

certo, para surpresa da pesquisadora, mais antigos em alguns aspectos do que os namoros comuns que o antecederam diretamente, ou seja, os rituais de enlace amoroso dos progenitores tanto da moça quanto do rapaz. O casal, ela com 14-15 anos e ele com a idade de 24 anos, já havia passado pela fase inicial, os primeiros contatos: do período de declaração do rapaz; do pedido formal intermediado pela família do moço<sup>10</sup> seguido da anuência dos pais da moça. Ou seja, tratava-se de um relacionamento de compromisso de quase dez meses que durou mais um ano antes do noivado, e este mais um outro ano. O namorado tinha permissão para freqüentar a casa da moça, onde se assistia a telenovelas junto com toda a família reunida na sala, devendo retornar para as respectivas moradas tão logo se encerrasse o último capítulo do dia<sup>11</sup>. A assistência à televisão trouxe outros enredos e criou novas e diferentes possibilidades, além de oportunidades, de encontros amorosos e sexuais, abrindo frinchas no sistema de controle da sexualidade do grupo para além das convencionadas pela experiência do mesmo. Neste sentido a televisão é percebida como portadora do “perigo” uma vez que as combinações das estratégias de violação dos interditos sexuais por parte dos jovens tornaram-se mais imprevistas se levarmos em conta antigas práticas consagradas pela cultura camponesa como a do “rapto da noiva”<sup>12</sup>. O casal citado teve oportunidade de encontrar-se durante a pesquisa, quando a “pequena equipe”<sup>13</sup> dirigia-se às casas vizinhas para observar a assistência de televisão. Viagens curtas, tanto de visita e reconhecimento a outras casas, quanto de reuniões de louvor aos santos de devoção familiar, que, durante o período das chuvas, só poderiam ser realizadas com barco, também foram ocasiões em que o comportamento dos namorados pôde ser observado. Desta feita as acompanhantes eram as sobrinhas adolescentes dele, acrescidas por uma irmã,

também adolescente, da moça. Essas visitas desenrolavam-se no período diurno, e não poderiam exceder a duas horas a cada dia, por exigência da família da moça, que achava impróprio, mesmo sob essas condições, uma permanência muito longa da filha na presença do namorado. As rezas e *brincadeiras* de siriri que se seguiam eram, no entanto, a oportunidade privilegiada para o encontro dos namorados, e o são, como de costume, na comunidade. A festa é também, como se aventou, o momento mais crítico do *perigo*. Dias assim, em especial os comemorativos do Senhor Divino, vão bem para os namorados em toda a comunidade, seja para os de dentro e seja para os que vêm de fora, parentes migrados e amigos. Não raro as festas são a ocasião em que se começa ou *ficha-se* um namoro que só pode ser sério, se quiser o contato físico. Se a festa sucede a reza encomendada, ou prometida em louvor de algum santo protetor do dono ou dona da casa, o tempo do terço bem como o conhecimento das palavras que devem ser ditas durante as orações são cuidadosamente observados pelo casal de namorados. É-lhes permitida a aproximação recatada e comedida dos corpos, neste caso se acresce a vigilância divina sobre os namorados, um discreto roçar de mãos, pés e cotovelos entre um gesto e outro durante os rituais sagrados. Assim, inicia-se e perpetua-se o exercício da fé em parceria. Quanto maior a convicção e o devotamento religioso mais chance de anuência e satisfação dos pais da moça terá o rapaz e vice-versa. O siriri é um outro momento de troca na efusão de alegrias enamoradas, e, ainda assim, o namoro é de longe, o contato das mãos fugidias da brincadeira de roda que exige performances separadas para os homens e as mulheres em fila. Sob os olhares de todos, como bem diz a entrevistada, até o meio da festa, depois é sempre possível, ainda que furtivamente, para o casal escapar à presença de todos e

ao controle dos parentes da moça. No caso, tanto as irmãs mais velhas e mais novas da moça, quanto as sobrinhas do rapaz, acompanhavam o casal de perto. Se, para Azevedo (1986, p.41), esse trabalho em geral cabe às tias, em Porto Brandão, ele é atribuído indiretamente às mães, que para o desempenhar devidamente contam com os irmãos e irmãs menores da filha em situação de namoro.

*Não somente por essa fiscalização que muitas vezes cabe às 'tias' se coíbem a intimidade exagerada e outros comportamentos comprometedores: inculca-se às meninas o cuidado com situações comprometedoras e equívocas [...] essa fiscalização é necessária sobretudo num primeiro namoro ou no namoro de uma adolescente, uma jovem muito inexperiente, porque 'a honra da mulher é como o cristal que, quando parte, não se restaura mais.*

**O namoro, tal qual o entardecer, consiste numa passagem, um período de adaptação a uma nova condição da mulher camponesa**

Assim o namoro, da forma como o regulam e vigiam as famílias e a comunidade, é justamente esse período ritual responsável pela devida inserção da moça em seu novo status social no grupo. O processo é certamente motivo de alguma tensão em toda a estrutura familiar, mobiliza, porém de forma mais significativa, os sentimentos do pai da família.

O namoro, tal qual o entardecer, consiste numa passagem, um período de adaptação a uma nova condição da mulher camponesa. Do bom andamento do relacionamento dos namorados depende a formação de uma nova família – e a preservação da honra do ramo familiar de descendência diante dos outros ramos – que deverá educar os filhos e viver dentro do costume do grupo, este é o que deve durar, não aquele. A manutenção dos costumes é uma ordem primorosa da cultura local, a endogamia assumida no discurso pela evitação da “a mistura de gentes”, e, ao contrário do que poderia sugerir um olhar mais guiado pelas orientações de ordem economicista, não pela falta de terra ou de meios de geração de recursos – primorosamente negociados desde a fundação do local – mas muito mais devido à ordem de manutenção do modelo de vida antigo e apreciado pelo grupo. Este pautado, como se viu, no culto aos antepassados e numa estética de vida afetiva e familiar que também a eles se remete o tempo todo. O corpo da mulher camponesa carrega em si, portanto, nesse viés, uma espécie de “civilidade” camponesa. Este aspecto lembra a interpretação feita por Freyre (1985) sobre o processo de diferenciação na formação familiar brasileira dos anos 20 e 30 do século XX, com e sem a dona-de-casa de origem ibérica. À mulher portuguesa migrada com a família foi atribuído pelo autor um papel que cumpria um tipo de prática cultural disseminadora de uma “matriz civilizatória”<sup>14</sup>. No que pesem as marcas de uma origem nativa na força colonizadora daquela, ainda que a primeira esposa do fundador tenha sido uma mulher autóctone. Um ideal de “civilidade”, ou um *ethos*, recortado sobre a imagem da pureza, delicadeza, gentileza e submissão receptivas, enérgicas, no entanto, no trato com as decisões familiares e no trato hierárquico com os filhos. Modos estes, por sua vez, amplamente previstos no código local como o recorte padrão de comportamento de gênero atribuído e internalizado pelo feminino<sup>15</sup>, além de

convictamente exercidos. Lembrando inclusive que o ato de trazer a água para dentro da casa, por mais pesado que possa ser, ou de levar os utensílios domésticos para limpeza e mesmo a imagem de São João – a lavagem ritual no dia do santo – até a água do rio, são tarefas femininas. Ocorre que esse arranjo cultural camponês consagra à mulher a preservação social e ritual dos modos ancestrais, mais do que isso, a purificação dos mesmos. Ao que elas correspondem independentemente e para além dos questionáveis “conteúdos emancipatórios” de qualquer feminilidade urbana, menos conduzida e controlada, seja pelos padrões da cultura introjetados na identidade feminina, seja pelo evidente comando masculino, contidos nas tramas da telenovela e compreendidos em largas medidas e nuances, e considerados impróprios e indesejáveis pelas mulheres locais.

Mais do que a conservação da vida social e cultural camponesa, há indícios de que algumas mulheres jovens começam a promover um arranjo simbólico próprio que lhes permite responder simultaneamente melhor, no sentido de responder ao conjunto de valores normativos ideais de sua cultura com arranjos práticos. E isto por intermédio não apenas das discussões e resgate dos valores das mesmas em contraste com os da telenovela, e voltaremos neste assunto mais adiante, mas com a interpretação de valores como o amor romântico e inserção dos mesmos nos códigos culturais de pertencimento delas. Desta forma pode-se depreender, no mínimo, que o contato com a imagem desse outro, o personagem fictício e ideal das telenovelas e suas tramas, trouxe à luz um jeito, uma vontade, uma estética do ser que modela as relações familiares e a intimidade de Porto Brandão. Modela, ou seja, age com bases nas formas da cultura, mas com inúmeras restrições ao conteúdo contrastivo das mesmas. A assistência às telenovelas acenou na direção do bojo das discussões teóricas da tese com uma possibilidade de resposta para a ques-

ção central que norteou o projeto de pesquisa, pelo viés da família e do parentesco, destacadamente um dos pilares sobre o qual se assenta e estrutura a vida camponesa do lugar. Ou seja, tratou-se sim de uma questão de identidade, o estudo das relações com um outro fictício, imaginado e midiaticado pelas telenovelas, mas de identidade das relações da vida íntima camponesa.

Daí a duplamente perturbadora situação do cair da tarde em Porto Brandão, a chegada da noite e dos elementos sobrenaturais que pertencem a *outro mundo*, sejam eles da terra, da água ou da mata, ou tenham eles o ar das indesejáveis estruturas de relacionamento familiar das cidades, ou mesmo, o “espírito do tempo” (MORIN, 1975) das culturas da mídia. Sem dúvida, neste contexto cultural, ambas as categorias, o namoro e o escuro são uma dupla de perigos, especialmente para a mulher, seja ela sexualmente iniciada ou não, que o tempo da televisão apenas reforça e recria na comunidade.

A telenovela em si, por esses motivos e outros, ao contrário das expectativas do projeto, não se demonstrou um elemento fundante na formação de novas imagens da alteridade e de auto-imagens em termos de significativas alterações de conteúdo cultural, embora tenha apresentado algumas contribuições formais em que se configura um certo resgate e remodelação de concepções sobre si, relativas aos valores familiares, intermediadas por antigos padrões culturais camponeses. As identidades, formas de auto-percepção somadas à formação das noções de pessoa no grupo estudado, bem como nas sociedades camponesas em geral, estão intimamente conectadas com o aprendizado e exercício dos papéis sociais. No caso específico da comunidade estudada, a ligação se faz pelos papéis culturalmente definidos dentro da família camponesa. Daí a centralidade das questões do parentesco, ligadas por sua vez ao universo da

casa de morada, que é também o local da televisão e o abrigo das práticas e discursos conectados à assistência da telenovela. De dentro da casa de morada camponesa para o mundo e vice-versa, faz-se não apenas as operações culturais destinadas à manutenção e reprodução física e biológica do modo de vida, mas agora, com o advento da televisão, o ato de assistir à telenovelas soma-se a algumas antigas práticas simbólicas da família e estendem o tempo das conversas antes circunscritas na cozinha, “ao pé do fogo”. E ainda mais, os novos hábitos interpõem-se à sociabilidade convencional da reprodução simbólica do grupo (hora da cantinela, hora das narrativas sobre os perigos e habitantes do mundo da noite) realizada no espaço entre a frente das casas de morada e o álveo do rio. A hora mágica da transição entre o dia e a noite, da “boquinha da noite” foi alongada e incorporada ao horário nobre da televisão brasileira e migrou para a sala camponesa. O tempo tradicional da sociabilidade camponesa adentrou ao tempo antes reservado ao descanso e ocupou lugares antes destinados a outras práticas tradicionais como as práticas da espiritualidade. Estas se encontram centralizadas na sala camponesa em torno da presença do oratório e do nicho, que guardam as imagens dos santos protetores de devoções dos membros da família. Fatos levantados pela etnografia indicam que a televisão – compreendida em si como a transmissão e recepção à distância das imagens de objetos, pessoas e valores culturais por intermédio da telenovela – inculcou processos de resgate de valores e modos de ser arraigados na cultura ancestral. Processos esses de diferenciação entre “o povo daqui” e “esses outros” não só da televisão mas de outras localidades adjacentes. Mas que lógica direciona e organiza a coexistência desses dois aparatos de cultura simbólica dentro de um mesmo espaço cultural? Que recursos o sistema classificatório nativo empreendeu e mobiliza para manter essa dupla função cultural realizada na

sala camponesa? Pelas observações já referenciadas, sou tentada a afirmar que a diferenciação e “complexização” das categorias de pensamento que regem a temporalidade são alguns dos elementos responsáveis pela coexistência dessas lógicas, uma interna e outra externa no mesmo espaço camponês da sala.

A atuação de um não tem interferência na atuação do outro já que os tempos de uso direcionado, da televisão e do altar, são marcados e diferenciados. Assim, se, antes da vinda da tevê, atribuíam-se às imagens uma presença viva, em forma de espírito ou intenção espiritual contínuas “encarnadas”, proporcionando uma ininterrupta ligação íntima com o sagrado – como ainda demonstram as famílias que não têm o aparelho em casa – com o advento das imagens da “telinha”, a cultura camponesa passou a atribuir-lhe, no plano físico, certas características etéreas. Enquanto que no plano mental as imagens da telenovela passaram a refletir e a reforçar – através de um mecanismo de espelhamento cultural, ou seja, de reflexão da imagem invertida em si – uma cultura da intimidade camponesa Talvez, e esse fato necessita de mais observação etnográfica, a partir da presença da televisão a comunidade veja emergir no seio de sua organização cultural uma nova concepção da espiritualidade. Concepção esta fundada na operacionalidade do ritual, em que as imagens deixam a intimidade cotidiana da vida camponesa para, imbuídas de um caráter decorativo e reverencial, assumirem apenas, durante os ritos e orações, as funções sagradas de intermediadoras da fé e da comunicação com Deus. Ou seja, as concepções de tempo adquirem uma nova ordem de regulação do uso do tempo camponês dedicado às atividades simbólicas – neste caso as próprias “atividades do espírito”<sup>16</sup> – ao longo dos dias comuns. Pois durante os eventos sociorreligiosos que podem ser tanto coletivos como familiares e fundamentalmente pessoais, não se vê a televisão ligada. Do contrário, quando

da utilização da tevê por toda a família, reunida entre vizinhos, parentes e compadres, os ritos de adoração não são absolutamente realizados. Presenciou-se, por várias vezes, as visitas formais e informais interfamiliares em que um vizinho ou amigo adentra a sala camponesa e faz, chapéu a mão, menção de reverência aos santos da casa, um Sinal da Cruz um aceno de cabeça, de joelhos em sinal de respeito. No entanto, nunca se observou esse ato de reverência, a performance religiosa tradicional do lugar, em concomitância com a televisão ligada, seja no jornal, seja na telenovela.

E mesmo, observou-se por inúmeras vezes a dona da casa se encarregando de desligar o aparelho no momento exato que antecede aos rituais de despedida, com os pedidos de bênção dos afilhados a seus padrinhos e as frases comuns do dia-a-dia camponês. Geralmente as visitas retornam pelo caminho imaginário ritualisticamente traçado dentro da sala, o mesmo por onde se adentrou, sem voltar-se de costas para as imagens da casa, no nicho sobre o altar ao lado da tevê, até cruzar a linha da porta, e desempenhar o mesmo gesto de menção de respeito quando o corpo é, então, não apenas livre, mas também abençoado para seguir na escuridão de volta a sua própria morada. Isto tudo se dá no momento final do programa, destinado à assistência do dia. Momento este que é também limite consumado na prática pela esposa e estipulado (momento exato em que termina o último capítulo, sem concessões para nenhuma publicidade), conceituado pelo marido, que, de praxe, adormece confortavelmente na rede, alheio, de dentro do seu tempo de descanso e devaneio, frente aos acontecimentos da programação televisiva.

Mas a telenovela, ao contrário do que se dá em outros contextos urbanos, não existe de maneira significativa em outros momentos sociais da comunidade. Não se conversa sobre a telenovela no cair da tarde, quando a família, por vezes, reúne-se, a pre-

texto de uma visita, a pretexto de aguardar a refeição da noitinha, antes do horário de televisão. A telenovela não está nas conversas que antecedem o sono... Não estava de dia nos intervalos do labor da mulher camponesa, nem regia princípios durante os trabalhos domésticos de elaboração e preparação dos alimentos. Nestes momentos fala-se da vida, da família, das filhas a casar ou por nascer, da preparação das festas, indaga-se sobre o mundo, arriscam-se palpites sobre assuntos agrícolas, lembra-se como as coisas eram diferentes n’outros tempos, se progrediram ou regrediram; comenta-se sobre a natureza e a escassez; sobre a esperança, o futuro, a morte, a escola das crianças... o gado a ser cuidado, uma viagem de negócios, um retiro espiritual, um encontro religioso, a festa do divino, o rio, a chuva, *o caminho de San Thiago*<sup>17</sup> estampado no céu pantaneiro... Sobre a telenovela, de dia, só falava a pesquisadora. E, de tanto puxar o assunto, alguns andaram prestando uma atenção diferenciada a ela, outros se cansaram da especulação.

### **Os perigos do amor precoce: acirrados pelos tempos da televisão**

*Menina larga disso  
Larga disso, óia lá.*

*Oh menina não namora assim  
Que seu pai não há de gostar.  
(Cantiga popular e de roda)*

*Eu acho assim: é difícil um  
rapaz que já se introduziu  
com a moça. Ele ali, antes,  
garantiu muita coisa para  
ela. Afeto... muito amor para  
ela. E aí, depois ele deixa. É  
ruim, é difícil porque ela já  
vai ficar solteira. Ainda  
quando não fica grávida,*



*né? Mas a mania do tempo<sup>18</sup> que se a menina não percebeu, que já entregou o corpo, que já ficou grávida, o difícil é esse, né?. Como tem muito acontecido. Ela pode casar com outro rapaz, mas é difícil, né? Casar, até não é obrigatório, que hoje em dia é comum viver junto, mas não é assim. Porque o povo fica sabendo. Pior que muito (muitas moças) se perde, nem pai nem mãe não sabe...* (Entrevistada)<sup>19</sup>

*A velhíssima e banalíssima distinção entre o amor-reserva, no casamento, e o amor-paixão, fora do casamento, é aqui formulada por Sêneca, não mais como um costume, mas como a regra de um código moral. [...] O cristianismo herdou esse código. Nos escritos de São Paulo, o amor fora do casamento – a fornicatio, a immunditia – é condenado. O cristianismo esteve tentado a ir mais longe e até a proscriver o casamento – existiu uma tendência nesse sentido –, mas, resistindo ao mesmo tempo às correntes sensualistas e às correntes ascéticas, manteve o direito ao casamento, situando-o, no entanto, dentro da hierarquia de valores, após a virgindade (ARIÈS; BEJIN, 1986, p. 157).*

Um velha concepção essa com toda certeza que, no entanto, é perfeitamente adequada e contemporânea para se falar das concepções de amor em Porto Brandão. Abordagem essa que de antiga e tão já conhecida reserva surpreendentes combinatórias culturais<sup>20</sup>, tão inusitadas quanto as mais recentes inovações metropolitanas no campo da organização da família. Fundamentada na prática camponesa de muitos tempos e

lugares, com certeza, a distinção entre o amor moderado (adequado a casais normativos) e o amor paixão (fora do casamento) faz parte do cotidiano das relações de afinidade em Porto Brandão. Não de maneira articulada no discurso sobre o comportamento ideal, culturalmente regulamentado, antes, porém, elaboradas na prática da vida diária. De forma cada vez mais aberta e explícita o discurso da telenovela traz para o cotidiano das casas camponesas, ou seja, para dentro do universo que regula a cultura, o das relações familiares, não apenas a concepção, mas o fato fictício vivido pelos personagens, do amor desvinculado da tradição. Amor que, quase independentemente do parentesco e de suas prescrições ou proscricções, torna-se a cada dia mais vinculado à intimidade e decisões do indivíduo, tantas vezes contrário à recomendação familiar e mais afastado das regras que perpetuam a comunidade. Tendência essa destacada por Giddens (1993) no modo de vida das grandes metrópoles<sup>21</sup>. Tanto mais assiste-se na comunidade estudada a uma crescente tolerância social (que se dá menos no pesamento que na prática) a uma certa tendência de separação entre a reprodução e a sexualidade, respaldada pouco a pouco, polemicamente, pelas telenovelas brasileira. Não que ela não existisse anteriormente, pois, aos homens é dada uma certa possibilidade de conhecê-la e formulá-la, portanto, exercê-la. A novidade fica por conta das atitudes de jovens que, se não aderem de vez aos novos modos, procuram de outra forma incorporar o amor romântico aos interesses de famílias e absorvem – à sua maneira – tais ideais de relacionamento romântico da telenovela. Verificou-se um esforço de jovens casais e mesmo da parte de moças, que começam a se inserir no contexto social agora também intermediado pela instrução formal da escola, em conciliar ambas as tendências reunidas em pares aparentemente opostos como: a prescrição do casamento consanguíneo/amor moderado e a moral da individualidade/amor-romântico ou paixão. Ten-

dências as quais aderem a partir de exemplos de relacionamentos urbanos a que têm acesso via telenovela, mas também e muito mais veementemente pela experiência (na maioria dolorosas em termos psíquicos coletivos da família) urbana de parentas e amigas migradas para Cuiabá, que compartilham como experiência da família extensa. Mas o duplo valor da virgindade-casamento é mola mestra da organização normativa da comunidade, muito embora a sua manifestação prática indique o oposto com relação à primeira. E, para surpresa da pesquisadora, indique ainda que a virgindade, apesar de constar como regra imprescindível nos discursos e expectativas para o comportamento da geração mais jovem (adolescentes, hoje), não foi exercida pela maioria absoluta das mulheres da geração imediatamente precedente, ou seja, as mães das moças de hoje. Das quatro novas uniões que presenciei durante a pesquisa apenas uma, ao que consta, não observou a regra da virgindade, enquanto que das 15 senhoras casadas acima de 35 anos, entrevistadas e observadas em suas vidas diárias, nenhuma delas acatou a prescrição do tabu da virgindade até o casamento, o que a torna certamente proscritiva (AZEVEDO, 1986), até o dia do casamento. Ainda que a maioria tenha se iniciado sexualmente com o homem que veio a ser o marido, e, neste outro caso, observa-se a prevalência do padrão da indissolubilidade da união do casal sobre o da virgindade. Poder-se-ia considerar uma meia permanência do código geral que subentende uma combinação da indissolubilidade com a virgindade como normas para o casamento. A questão que tange a esse aspecto curioso em que o costume local se afasta da regra religiosa, porém não declaradamente, ou seja, às escusas, mantendo, portanto, o padrão do desejável separado do praticado, é se a exposição constante e diária a diversos modelos de relacionamentos entre homem-mulher, que não coincidam com o modelo católico camponês tradicional, está gerando na comunidade uma ten-

dência justamente inédita, pelo menos entre a geração anterior a das jovens senhoras de hoje, de revisão do modelo tradicional e religioso local, mas com o sentido de “recuperação” e de reaproximação dos antigos ideais culturais. A questão que se coloca agora é se este movimento de internalização cultural por parte das representações mentais e práticas da intimidade camponesas em Porto Brandão indica a manifestação de algum tipo de “depuração ou retomada de valores”, segundo o sistema antigo. E, neste sentido, há que se saber ainda em que medida o resultado final da “formação contrastiva” da imagem de si, na intimidade, é oposto ao padrão de referência da telenovela. Questão de que trata especialmente o último capítulo da tese já citada da qual este artigo é parte integrante.

**A questão da gravidez precoce é um tema que preocupa de maneira mais ou menos geral a comunidade como um todo, e as mães de moças adolescentes.**

Verificou-se que a única exceção das uniões recentes ao casamento-modelo, que desta feita não é apenas camponês, mas permanece como um tipo possível de união mesmo nos meios urbanos, possuía um diferencial na história de amor do recém casal que anula a excepcionalidade do caso. Segundo depoimento da família da moça, e dela mesma, a fuga foi justificada pela oposição dos pais quanto à origem familiar do rapaz. O fato de ser filho de pais divorciados, ainda que sua situação financeira fosse de certa forma boa para os padrões

da comunidade<sup>22</sup> – é piloto de lanchas de alto padrão em uma fazenda hotel – tornou-se um entrave na obtenção da concordância dos pais da moça. A fuga dos nubentes desaprovados pela família da moça – e, por conseguinte, a “transgressão da moral sexual” do lugar – embora também prevista pelos códigos de comportamento local, em casos como estes em que não é legitimada nem tem a conivência de algum membro da família, traz consideráveis danos para o tecido emocional da família da mulher. Pois além de colocar a honra do pai em jogo, traz um desassossego com o qual todos passam a conviver devido ao receio (previsto na cultura) de que haja num momento da vida do casal um “erro de conduta” (dentro dos princípios éticos e do papel do pai de família para a comunidade) por parte do rapaz, pois ele vem de um arranjo de família que não é o conhecido, de uso costumeiro entre eles. A jovem mãe, e ex-noiva fugida, uma vez aceita de volta ao seio das relações familiares de sua origem, convive com e auto impõe uma razoável dose de tensão entre os seus, enquanto o seu companheiro ausenta-se da comunidade em viagens quinzenais e mensais a trabalho com o turismo. Observa-se como que um acréscimo de desvalor sofrido por ela como filha, e dentro da sociabilidade local, já que não comparece mais às reuniões religiosas, nem vai à escola ou pôde participar das sessões de vídeo promovidas pela pesquisa. Dentro da casa paterna, a jovem (que teve um “filho natural”) recém introduzida no papel de mulher, porém não totalmente no de dona-de-casa – já que passa a maior parte do tempo com a família de origem (portanto não completou a patrilocalidade na família do pai do marido) – esperava<sup>23</sup> restaurar a alegria da convivência com a família e o respeito para com o pai por meio da presença de um filho-homem: o primeiro neto da família original. Fato esse que não se realizou totalmente após o nascimento do bebê. Ela exerce tarefas domés-

ticas de forma mais exagerada que de costume – pelo que se pôde observar, não é coagida ou motivada externamente, se o faz, é porque assim prevê o código de comportamento local para a circunstância. Também foi observada a violação, por parte da mesma pessoa, de outro tabu feminino<sup>24</sup>, a dieta após o parto, mesmo ante os protestos da mãe. Ainda que a situação na família de origem se estabilize, a jovem senhora vai carregar a marca social (profundamente arraigada na sua psique pessoal), o estigma, da sua passagem que não se completou a bom termo, segundo os modelos do grupo. Situação muito diferente da que presenciei em outra casa de morada, em que a nora, também iniciante nos tratos da maternidade, recebe cuidados de toda ordem. As adolescentes, suas sobrinhas por afinidade, fazem todo o trabalho doméstico que lhe caberia se tivesse constituído um núcleo familiar individual, incluindo lavar as roupas do bebê. Fato que, sem dúvida, deixa espaço para a recuperação da saúde da jovem mãe, e lhe permite uma inserção muito mais suave nos papéis de mulher casada. Certamente a sua passagem, cumpridos os devidos ritos proscritos culturalmente, completou-se com mais tranquilidade e inteireza.

A questão da gravidez precoce é um tema que preocupa de maneira mais ou menos geral a comunidade como um todo, e as mães de moças adolescentes. Os sofrimentos de uma união que não completa os rituais de inserção na vida social plena e na plena atuação dos papéis femininos camponeses são constantemente destacados e apontados por elas como exemplos negativos, resultantes da inobservância das regras do namoro e do casamento locais.

Se para Airès (AIRÈS; BEIJIN, 1986), ainda, o casamento foi erigido como uma resposta à necessidade sexual, e foi aceito como um mal menor para solucionar a questão do desejo, para a sociedade de Porto Brandão

mister é “matar”, apagar o desejo, esse louco que coloca em perigo não apenas a honra da mulher (a honra da mulher camponesa é coletiva, no sentido de que sobre ela, desde que intacta, pesa a honra do nome da família que é em suma o nome do homem, portanto, a honra do homem depende da mulher), mas toda a constituição da família. As famílias no local de pesquisa fazem grandes arranjos simbólicos para responder a essa regra moral patriarcal e ao mesmo tempo dar seguimento aos arranjos nupciais do interesse circunstancial, sincrônico das mesmas. Muito embora, conforme se observou em casos da vida concreta, a “facilidade” das uniões informais, bem como a sua praticidade, em vista das eventuais presenças dos sacerdotes na região, e, em muitos casos, a impossibilidade da família da noiva de arcar com as despesas do casamento, chamadas famílias fracas, acabem firmando as uniões consensuais. Havia apenas três núcleos de jovens famílias enquadradas nesta categoria, ainda assim uma delas devido à morte acidental e súbita do pai das noivas, que inviabilizou o casamento delas dentro das regras locais. Fato que também é motivo de sentimentos de frustração simbólico-emocional entre as senhoras do lugar ainda que a família tenha sido considerada, por elas e por outros membros da comunidade, como bem constituída. A frustração se dá pela quebra da “beleza” do relacionamento ideal cultuado, que é em si a quebra da promessa cultural da felicidade, conjugal primeiro, da família depois.

Essas questões relativas à moralidade sexual foram as mais veementemente comentadas e demonstraram a preocupação das famílias com a educação sexual dos filhos e filhas. O amor e o casamento foram motivos de longas conversas com as famílias, e a representação dessas relações afetivas familiares na telenovela foram vistas, na maior parte das vezes, com uma postura de discordância explícita das atitudes dos personagens pelos espec-

tadores camponeses durante o ato de assistir à telenovela. A parte da etnografia, reservada para pensar e investigar de maneira mais dirigida as questões da televisão nas famílias, foi realizada durante as noites, nas casas camponesas. Consistiu em anotar-se todas as manifestações do grupo, gerais e particulares, sobre a telenovela no ar. A complementaridade desta atividade deu-se nos horários de encontro familiar, de bate-bapo descontraído, quando então a pesquisadora dava início a algum assunto sobre o tema ou era indagada sobre a pesquisa que desenvolvia. Há uma tensão explícita entre esses valores locais e os veiculados pela televisão. As representações televisivas de relações intergeracionais, significativamente de pais e filhos, atuam nos espectadores produzindo uma reação tensa, incomum no dia-a-dia das relações humanas da sociedade, ou ao menos não cabíveis nas prescrições de comportamento do código de sociabilidade local. Demonstrações de raiva e inveja, o ataque agressivo frio e direto, além de reações que impliquem em acusação e julgamentos sumários, são livremente correntes na sala camponesa diante da televisão – embora sejam dura e formalmente coibidos pela etiqueta do lugar. Reações tensas dessa intensidade apareciam durante as cenas da personagem de Sivia Pfeifer, a mulher que mantinha um caso extraconjugal na telenovela *O Rei do Gado*, mas também nas cenas em que havia disputa e desentendimentos entre pais e filhos. Durante a assistência destes trechos, as mulheres camponesas, mesmo com toda a sua sujeição às regras de recato e resguardo, excediam-se em demonstrações de emoções que se não se lhes cabiam em outros contextos culturais internos. Este fato nos levou a suspeitar de mais um dos papéis da telenovela na cultura local, que estaria para o cotidiano de maneira semelhante a qual a festa está para os grandes eventos. Ou seja, numa de suas funções de suspender e até de inverter, por um breve momento e no âmbito da ficção, as regras da

moralidade vigente, realizando uma espécie de “catarse cultural”. Estabeleceu-se, de outra feita, uma reflexão conjunta com os entrevistados sobre as reações do comportamento afetivo dos jovens com ou sem exposição à televisão. As transformações destes comportamentos ao longo do tempo foram notadas e denunciadas por diferentes membros da comunidade, durante as muitas circunstâncias da pesquisa. O namoro em público, por exemplo, no sentido de troca de intimidades, como abraços, beijos, segurar as mãos, foi apontado como um comportamento extremamente constrangedor para os mais velhos, durante os bailes, ou danças de siriri. Como diferenças no modelo, os pais e avós apontam a referência do seu próprio passado, suas relações na mocidade enquanto eram solteiros:

*Naquele tempo para sentar emparelhado com uma moça, olha, mas era a coisa mais difícil. Os pais não deixavam. Antigamente aqueles pais assim bravos, ciumentos assim... O namoro tinha respeito, não é como agora.”* (Siô Manoel Gonçalves, casado, 70 anos).

As mudanças nas formas de se vestir, que implicam no ato de mostrar ou não determinadas partes do corpo, são outro ponto de conflito, uma vez que o “recato” é moralmente esperado das moças solteiras e das mulheres casadas. Maria L. (casada, 35 anos) é quem fala sobre a relação da camponesa local com o corpo e a questão do corpo na telenovela:

*Eu já assisti novela, mas só que depois que eu casei, ele (o esposo) sempre não gostou. E eu sempre também não saio, fico em casa. Em casa não tem também (televisão), então agora, eu perdi a graça, não tenho vontade... de assistir. E também eu acho que ela (a televisão) não tem*

*uma explicação para as crianças. Se mãe e pai não explicam aquela situação, por que eles verem como se faz ali? Uma criança adolescente, ela não tem a cabeça bem no lugar ainda não, é muito fraca ainda. Então ela vai pensar que aquilo ali é para ela seguir e fazer. E se ela não tem uma mãe e um pai preparado para ensinar... É como você mesmo está vendo a situação das meninas que nem estão pegando treze anos e estão aí, gestando... Tem várias meninas gestantes aí. É aqui, é em Barão, é em qualquer lugar.*

Pergunta a pesquisadora: “Você acha que a televisão está causando isso?”

*Eu acho que um pouco, também... Porque também é dentro da família. A gente tem que conversar bastante com as crianças, porque cada criança tem uma formação. Uma criança pega de uma maneira, outra de outra. Então a gente tem que tentar ajudar, porque a prostituição... Falam que no sítio, antigamente, era bem maneirado e agora está muito evoluído, a prostituição assim, no sítio e em qualquer lugar. A gente não fala que é só isso (televisão) mas é um pouco também. Então as crianças vêm crescendo, e vêem muita coisa diferente. E eu falo assim porque, às vezes, a pessoa tem um corpo bonito, como uma atriz, uma coisa bonita. Coisa que a gente já está vendo aqui também, em família. Eu mesma, eu não ia deixar a minha (filha) sair mostrando seu corpo, que nosso corpo é templo do Es-*

*pírito Santo. Então, nós que temos uma religião, nós entendemos assim. Que nosso corpo não é para ficar sendo visto assim, uma beleza, assim para todas as pessoas verem.*

Sobre a mudança no comportamento das jovens da comunidade, ela ainda insiste:

*Então já está tendo aqui, já está adentrando aqui, em algumas famílias. Nós que somos de uma idade, nós ficamos envergonhadas, porque nós não temos esse costume. Eu como estou (vestida de bermuda e camiseta de manga), assim mesmo eu vou, agora à noite eu vou tomar banho à vontade<sup>25</sup> ... Mas se precisa tomar um banho lá na beira do rio, eu vou do jeito que eu estou aqui. Eu não vou pegar um biquíni... E também eu não gosto que as minhas crianças façam isso.*

Concluiu-se que o advento da televisão não é um fato isolado na indução aos “novos comportamentos”, cuja consciência dos moradores aponta. Antes da chegada da primeira televisão à bateria na comunidade, o que se deu em 1986, já havia mudanças advindas da combinação de vários fatores simultâneos. Um deles, sem dúvida fundamental, foi a facilitação do transporte. Os barcos a motor encurtaram as distâncias, no sentido do tempo e da convivência, entre a comunidade e a cidade de Barão; e entre esta e a área urbana de Cuiabá e Várzea Grande<sup>26</sup>. Siá Antonia (casada, 57 anos) lembra que, há apenas 20 anos, ela ainda se deslocava de canoa para Barão, com o esposo, no tempo de cheia, para fazer compras. Compravam artigos que não se podia produzir na roça, nem adquirir no Porto São João<sup>27</sup>, ou ainda, compravam dos barcos comerciantes que descem o rio Cuiabá até o São

Lourenço. Saíam de madrugada para chegar em tempo de retornar com as mercadorias. Hoje o filho dela, de 24 anos, vai aos bailes em Barão em 40 minutos de “avoadeira” (embarcação a motor), e todos os dias é possível alguma espécie de contato com a cidade. Sem falar das visitas dos filhos e netos que residem em Cuiabá, e que retornam com outra visão de mundo. Enfim, a cidade está muito mais perto hoje da comunidade, juntamente com sua cultura urbano-industrial e consumista. Mais um elemento de mudança se adiciona, após a década de 80, a este universo cultural em ebulição: o turista e seus padrões de moralidade sexual muito distantes da realidade do lugar.

A ausência da oficialização do casamento, muito comum nas gerações que hoje estão entre os 30 e 40 anos, parece menos um indicativo de desajuste econômico e social da comunidade<sup>28</sup> do que um aspecto cultural vinculado às tendências mais gerais observadas nas transformações dos costumes contemporâneos retratados pelas estatísticas de casamentos em todo o território nacional<sup>29</sup>. Os motivos econômicos sempre perpassam a existência humana, e certamente incluem-se entre as razões da ausência do contrato oficializando as uniões, mas, acredito que as razões aqui vão além deles, uma vez que tais uniões também não se consumam imediatamente no religioso. Este outro fato contraditório, com a característica primeva da religiosidade do grupo como constitutiva da sua identidade, torna-se necessário um outro tipo de abordagem de pesquisa para apurá-las devidamente.

O “namoro à antiga” permanece assim à medida que vai tomando novos significados elaborados internamente pelas gerações de jovens esposas, que tiveram contato com a televisão e assistiram às telenovelas durante toda a infância e adolescência. Trata-se de uma nova geração de mulheres que têm de conjugar as suas possi-

bilidades de vivência e estruturação de uma nova família nos antigos modos de organização de parentesco do grupo e com os valores de uma forma de viver tipicamente contemporânea e urbana. Além da premente necessidade de equacionar a insurgência de um tipo de intimidade que traz padrões novos de uma possível subjetividade, para dentro dos relacionamentos intergeracionais e afins. Padrões estes que nunca foram previstos pelos códigos usuais da cultura camponesa local, já que a interação interpessoal sempre se pautou pelo exercício dos consagrados papéis familiares e vicinais. Estes, que por sua vez convencionalmente desencorajam manifestações de caráter individual em favor dos interesses e costumes da vida coletiva, seja da família extensa, seja do grande grupo familiar.

A gradativa e ascendente noção de uma sexualidade divorciada da reprodução humana – presente tanto no discurso quanto nas práticas – pode ser observada como uma evidência dos fenômenos da contemporaneidade que operam dentro dos valores da vida íntima das culturas. Até mesmo às mais fechadas em torno de um sistema social antigo como a camponesa, consciente ou inconscientemente como uma alternativa de ser, vêm surgir-lhes pensamentos e, quem sabe num futuro próximo em Porto Brandão, até atitudes antes inexistentes ou mesmo impraticáveis sem as terríveis sanções sociais. É de crucial interesse sócio-histórico e antropológico encontrar essa tendência geral com as suas devidas particularidades, situada também no seio da família camponesa e na realidade rural regional do Centro Sul do Estado do Mato Grosso. Para Giddens, o comportamento sexual se torna cada vez menos regido pelo parentesco para tornar-se a cada dia propriedade da pessoa, enquanto uma forma de criação de vínculos de intimidade.

*A natureza e a sexualidade seqüestradas vinculam-se de uma maneira crucial à soci-*

*alização da reprodução. [...] Desde que o tamanho da família começa a ser cuidadosamente limitado – algo que se desenvolve principalmente no interior da própria família –, a reprodução começa a ser antes de tudo governada pelo desejo de criar filhos como um interesse autônomo. [...] Enquanto o comportamento sexual estava ligado à reprodução e às gerações, a “sexualidade” se converte em uma propriedade do indivíduo. [...] Ela é agora um meio de criarem-se ligações com os outros tendo como base a intimidade, não mais se apoiando em uma ordem de parentesco imutável, mantida através das gerações. A paixão é secularizada, extraída do amour passion e reorganizada como a idéia do amor romântico; é privatizada e redefinida (GIDDENS, 1993, p. 192-3).*

Se o movimento observado pelo autor continuar a sua sutil penetração – esta sim e por sua vez favorecida ao longo do tempo pela assistência contínua às telenovelas – entre a estrutura moral, familiar e social de Porto Brandão, será possível entrever desequilíbrios resultantes a partir dos pequenos desajustes do antigo modelo, equacionado e firmemente mantido desde a fundação do grupo, entre sexualidade e reprodução ao longo da história da comunidade; além de simbolicamente reforçados por intermédio do catolicismo rústico. Ou seja, a constante e crescente valorização de concepções que destacam o indivíduo em detrimento do grupo, ampla, mas não conscientemente, divulgadas pelas telenovelas – através de noções aparentemente inócuas como a legitimidade e super valorização do amor romântico, cujo status entre os valores camponeses ascendeu significa-

tivamente entre as novas gerações na comunidade, por exemplo – poderão concorrer em algum grau para a coersão do sistema atual do parentesco endogâmico que marca o grupo de Porto Brandão, não obstante as suas defesas e oposições derivadas de uma cultura fortemente arraigada e centrada no seu modo de vida. Talvez se observe, a longo prazo, questões semelhantes à existência, entre outros, de um “abismo nas relações entre os sexos” que o autor destaca como consequência das transformações da intimidade no mundo urbano contemporâneo. Muito embora o consagrado princípio relacional configurado entre outros na oposição complementar entre os papéis sexuais e de gênero camponeses tenha até hoje assegurado o necessário cimento das relações familiares, e não demonstre em Porto Brandão, como evidenciam os dados etnográficos, sinais de arrefecimento para além das mudanças não estruturais constatadas. A determinação deste “coeficiente” de mudança poderá sim ser sucetível à manutenção do equilíbrio entre as duas tendências culturais opostas observadas como reativas ao evento da televisão e das telenovelas na comunidade: o conflito imediato de alguns valores de um lado, e o resgate de outros na duração das telenovelas, além da somatória das experiências televisivas camponesas ao longo do tempo.

A sexualidade é talvez o locus privilegiado para observar essas relações de conflito e bom para pensar o teor das mudanças. Dadas as suas peculiaridades e o permanente caráter de tensão, além do esforço social e familiar reservado para a sua regulamentação na comunidade, tomamo-la como uma espécie de termômetro dessa relação entre o convencional idealizado e praticado, tanto pela cultura local e quanto no domínio da cultura contemporânea televisiva, também por si um reflexo de um ideal cultural urbano. Com esse objetivo foram abordadas as regras e práticas da sexualidade que, neste caso, têm a

sua expressão social direcionada tradicionalmente para a conjugalidade, ou seja, a união do casal, pelo casamento ou pelo consenso.

Recebido em 15.04.04. Aprovado em 25.06.04.

## Referências

ALMEIDA, H. B. de. *'Muitas mais coisas'*: telenovela, consumo e gênero. Tese de Doutorado em Ciências Sociais. Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Campinas/SP, 2001. 320p.

ARIÈS, P.; BÉJIN, A. (Orgs). *Sexualidades ocidentais*. 2. ed. São Paulo : Brasiliense, 1986.

AZEVEDO, T. *As regras do namoro à antiga*. São Paulo : Ática, 1986.

BALTAZAR, A. *Cultura camponesa e televisão*. A visão de si e a imagem do outro pela telenovela brasileira. Tese de Doutorado em Antropologia Social. Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2003. 424p.

DOUGLAS, M. *Pureza e perigo*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

FREYRE, G. *Sobrados e mucambos*. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985. Coleção Documentos Brasileiros, v. 66, tomo I, 758 p.

GOMES, P. B. (Org.). *Vínculos amorosos contemporâneos: psicodinâmica das novas estruturas familiares*. São Paulo: Callis, 1993.

HAMBURGUER, E. I. *Politics and intimacy in Brazilian telenovelas*. Tese de Doutorado. Departamento de Antropologia, Universidade de Chicago, Chicago, 1999.

GIDDENS, A. *A transformação da intimidade*. Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Unesp, 1993.

MORIN, E. *Cultura de massa no século XX: o espírito do tempo*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1975.

ROSSI, Clóvis. Psicanálise e mídia. *Revista Brasileira de Psicanálise*, vol 37 n. 2 e 3, p. 815-40, set. 2003.

## Notas

1 Este artigo está dividido originalmente em três partes: 1 Namoro; 2 Sexualidade e 3 Casamento. É parte integrante da tese de doutorado *Cultura camponesa e televisão: a visão de si e a imagem do outro pela telenovela brasileira*, sob a orientação da Prof. Dra. Margarida Maria Moura, e vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da FFLCH, USP, SP.

2 A comunidade pesquisada é composta por cerca de 70 famílias e aproximadamente 280 pessoas.

3 Trata-se de comunidades ribeirinhas em que o rio é o “condutor” e o meio dos “movimentos” dos homens no qual a informação-comunicação está inserida.

4 Ver trabalhos de Esther Hamburger (1999) e Heloisa B. Almeida (2001).

5 Os papéis de homem e mulher nas organizações sociais camponesas são classificados pela sua cultura como opostos e complementares, sendo algumas tarefas masculinas impeditivas e até tabus para as mulheres. Isso vale mais no campo da moral e da diversão do que no campo do trabalho, em que a necessidade faz justificadas exceções às práticas cotidianas.

6 Se bem que o comportamento da atriz e personagem de sua própria vida embora seja considerado um marco nas lutas de emancipação feminina no país, a repressão não apenas do Governo Militar da

época, mas dos costumes em si manteve dissimuladas, ainda por duas décadas, muitas das resistências femininas ao comportamento padrão. Ver uma análise antropológica da construção da figura de Leila Diniz como mito e um perfil psicológico histórico-familiar da mulher no livro *Toda mulher é meio Leila Diniz*, de Mirian Goldenberg (1996).

7 Pronuncia-se “tchá” no modo cuiabano de falar, tradicionalmente constituído em toda região ribeirinha do Cuiabá.

8 Em que pese a já citada preferência entre primos que mantém a marcada endogamia do grupo de um lado, e de outro as preferências relativas aos que têm acesso à terra ou possuem já um pequeno plantel bovino – ou cujo pai o possuía. Geralmente os filhos caçulas de famílias descendentes de duas linhagens dos ancestrais têm a primazia, em virtude de uma discreta tendência para a ultimogenitura, não obstante a presença também de relações comerciais de compra e venda da terra entre parentes. Para maiores detalhes ver Capítulo II, intertítulo: *A parentela e a terra: família pioneira, pequeno histórico do parentesco e das relações de vizinhança*. (BAL-TAZAR, 2003, p. 241-56).

9 Fato este que, de acordo com as concepções locais, só se consuma e dá por completo com o casamento e a maternidade.

10 O pai do namorado deve comunicar ao pai da namorada as intenções preliminares do namoro com vistas ao noivado e casamento lenta e progressivamente.

11 O rapaz morava na outra margem do rio, do lado imediatamente oposto, de tal forma que as fachadas de suas casas ficavam quase alinhadas frontalmente, o que facilitava muito os contatos visuais,

quase que uma das “primeiras fases” dos rituais de aproximação corporal dos jovens mutuamente prometidos pelas famílias.

12 Entre os contatos visuais, no “namoro de longe”, observou-se o rapaz, como é de costume local, fazer a *toilete* no rio – no porto em frente a sua morada – duas ou mais vezes ao dia. Fato que intrigou a pesquisadora, que não encontrava um exagero da norma como esse em nenhuma outra casa ribeirinha. Aos homens, reza a ética local, ao contrário das mulheres e moças – com exceção para as adolescentes, desde de que observem certos critérios como uso de bermuda de tecido forrado e camiseta – é comum um uso da água para o lazer, além do banhar-se propriamente dito. O fato é que o rapaz em questão barbeava-se com o auxílio de vaidosos espelhos portáteis e delongava-se mais do que o observado em termos das mesmas práticas nas outras casas camponesas, pois em geral, e numa tendência oposta a das sociedades urbanas atuais de culto ao corpo e a aparência, os rituais em torno da higiene pessoal são muito práticos, resumidos em termos de tempo e quase sempre submetidos às necessidades prioritárias ditadas pelo ritmo do trabalho ou das práticas sociais coletivas (religiosas) camponesas. Os homens em geral o faziam livremente, mas de preferência com discrição evitando a presença dos “de fora” e ao cair da tarde, quando retornam das suas atividades para o jantar. Os homens também devem observar, embora num nível bem mais tolerante, o padrão do recato, sendo indispensável calção ou, em caso de banho à luz do dia, o uso da bermuda. Enfim após conhecer a família da namorada, a pesquisadora fez sentido naquele comportamento mais enfático e dentro do padrão local. Num arranjo social em que a mulher e o

corpo feminino são tão cercados de tabus e resguardos de castidade é quase sintomático que os homens sejam atores dos comportamentos de aproximação sexual, que antecedem o cortejar propriamente dito. A sensualidade e exibição do corpo, atributos antes considerados tipicamente femininos nas sociedades urbanas – processo em franca transformação na realidade atual, assumem aqui neste contexto camponês uma antiga atribuição aos jovens namorados do sexo masculino. A sedução, em geral vista como uma qualidade pelos homens entre si, mas um temível defeito de personalidade entre os pais e a família, na comunidade estudada é um atributo dos homens.

13 A pesquisadora, via de regra nas primeiras estadias em campo, constatava-se às voltas com as adolescentes das famílias, que, movidas para além da curiosidade, usufruíam de um argumento para conquistar concessões nas regras de reserva das moças em horários noturnos. Meninas-moças que foram mediadoras de contatos diversos no início, a elas devo muitas das aberturas de oportunidades de aceitação pessoal e, mesmo, de interpretação das informações.

14 Aspas desta autora, no sentido de irradiadora tanto de um conceito quanto de uma prática de organização familiar com bases na Cultura Ocidental trazida pelos colonizadores. A idéia de diferenciação cultural em virtude da presença da mulher portuguesa na colonização é de Freyre, (1985, p. 33) que utilizo na tese para contrastar com a velada presença de uma ancestral nativa, possivelmente borora, na comunidade, que no entanto, manteve fortes e presentes tradições de origens ibéricas como os ritos religiosos.

15 Salienta-se, contudo, que o resguardo do conflito, ou seja, as

observâncias dos tabus e palavras de evitação de palavras e atitudes relacionados tanto ao sexo quanto à violência não significam a ausência de conflitos ou de atos de violência, as situações de perigo social em si. São, antes, formas de negociar o confronto direto e declarado.

16 Faço uma alusão a Wilhelm Dilthey (*Introducción a las ciencias del espíritu*. Pánuco, México: Fondo de Cultura Económica, 1986) que, segundo Maria Nazaré C. P. do Amaral (*Dilthey: um conceito de vida e uma pedagogia*. Coleção Estudos: Perspectiva/Edusp, São Paulo, 1987), foi o fundador do método da hermenêutica nas “ciências do espírito”.

17 Nome que os “antigos” dão para a Via Láctea. Pelo termo “antigos” são tratados tanto os que os que, falecidos há algum tempo, já pertencem ao tempo mítico, quanto os que ainda pertencem ao um tempo histórico, seja os contemporâneos que acumulam uma sabedoria e um respeito reconhecidos em torno da idade de 70 anos, seja os recém-falecidos.

18 Expressão comum no local para designar e identificar um costume da época de hoje.

19 Senhora entrevistada, 44 anos. Mãe de três filhas adolescentes, uma das quais casou-se grávida e uma outra observou o tabu da virgindade antes do casamento.

20 Uma vez que “estranhar o familiar” é a outra ponta do trabalho etnográfico, complementado pelo movimento de familiarização do exótico.

21 Ainda que se refira à realidade dos Estados Unidos pode-se traçar alguns paralelos sobre as transformações da intimidade que tornam possível a cada vez mais desvincular os pares inseparáveis da cultura de formação das mulheres para as instituições reguladoras do amor e

- da sexualidade, com tendências brasileiras da transformação dos costumes que levam a direções interpretativas semelhantes.
- 22 É considerada insegura, por não pertencer aos padrões antigos do local, que o homem tenha apenas duas saídas dignas para viabilizar economicamente a estabilidade do núcleo familiar: a lavoura e a pecuária bovina. A pesca também é considerada atividade de risco, por isso, preferencialmente, não deve ser a única atividade desenvolvida pelo chefe da família.
- 23 Numa das poucas declarações que a pesquisadora pôde obter por intermédio da mãe durante a gravidez.
- 24 A dieta após o parto possui impedimentos e é em si um tabu axial formativo das representações simbólicas do grupo sobre corpo feminino, fundante das relações de gênero e reservado como um tipo de gratificação cultural à mulher que concede ao grupo um novo membro desde que de maneira a dar continuidade também ao sistema social em si. Assim às mulheres “recém paridas” ou “paridinhas de novo” são concedidos agrados culturais solidários de imenso valor simbólico, além de fisiológico, tanto por parte das mulheres mais velhas quanto das mais novas. Estas ficam obrigadas a desempenhar os serviços domésticos enquanto as primeiras cozinham, contam histórias sobre maternidade, concepção, parto e antigos cuidados do recém-nascido até a completa habilitação da jovem mãe, que adquire com isso o conhecimento que o seu novo status familiar e social demanda.
- 25 As regras do decoro e do “recato feminino” rezam que é sempre de bom alvitre que a mulher casada tome banhos no rio vestida, e preferencialmente acompanhada pelo marido. Sua higiene corporal deve ser realizada em casa, num local reservado para ela.
- 26 Porto Brandão, comunidade ribeirinha às margens do rio Cuiabá, está localizada no município de Barão de Melgaço.
- 27 “Antigo posto de troca [...] de alimentos por peles de animais...” Entrepasto comercial destacado em pesquisa para o Projeto Memória Viva da Fundação Júlio Campos (Entidade fundada em 11-12-1986 em Várzea Grande – MT).
- 28 Como analisam alguns pesquisadores de questões rurais brasileiras.
- 29 Segundo Gomes (1993, p. 27)

*Os dados do IBGE, no último censo, mostram tendências semelhantes no Brasil, quanto ao aumento da fertilidade extraconjugal e diminuição de casamentos civis. Entretanto, [...] os padrões brasileiros vão na contramão dos europeus. Essas tendências ocorrem no norte e nordeste, menos desenvolvidos, enquanto no sudeste e sul, principalmente nas grandes cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, o que se verifica é o aumento das uniões civis e da fertilidade restrita ao casamento. Acreditamos que essa aparente incongruência [...] se deva ao caráter muito desigual da distribuição de renda e de acesso à cultura e à escolaridade em nosso país. Não podemos provar estatisticamente, mas é nossa impressão que as camadas mais jovens e abastadas de nossa sociedade tendem a reproduzir os modelos das vanguardas européias e americanas no que tange aos costumes.*

**Andrea Baltazar**  
andrebaltazar@newsite.com.br

Av. Dr. Rodolpho Guimarães, 646  
Centro  
Brotas – São Paulo  
CEP 17380-000